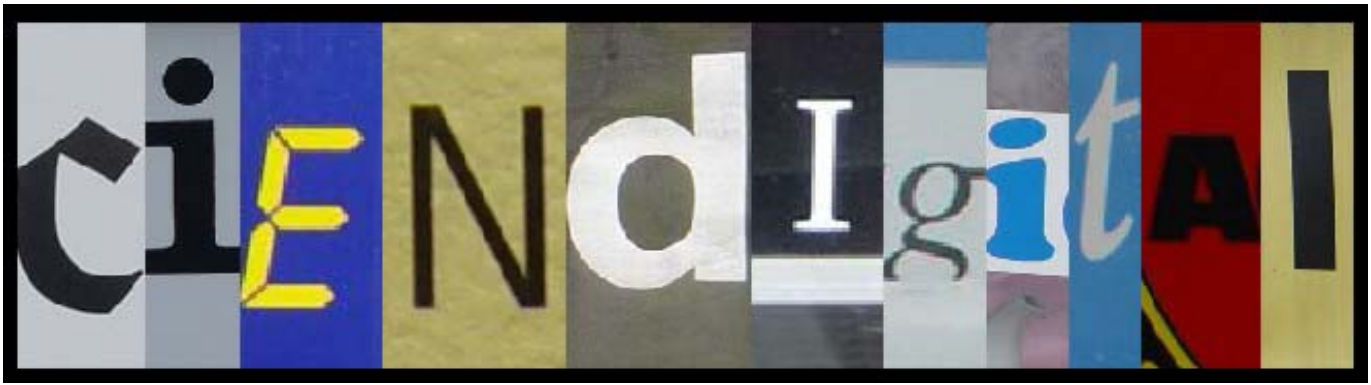



**Número 2 - Dezembro de 2007**

**EDITORIAL** - Tal qual o número 1? Parece, mas não é! 2
**APRESENTAÇÃO** - Judith Miller nos diz o que é o CIEN 4
**HÍFEN** - Vinheta prática: o que é? Philippe Lacadée responde 6
**ENTRE-VISTA** - Segunda parte: interdisciplinaridade, segundo Ester Cristelli-Maillard 10
**LABOR(a)TÓRIOS** - Ecos do trabalho de quatro Laboratórios 13
**ÓRBITA** - As ações que giram próximas ao CIEN 16
**PONTO DE VISTA** - As contribuições que chegam! 21

Para ler o **CIEN-Digital**, ajuste o documento à tela e pressione as teclas **Page Up** e **Page Down** de seu teclado para mudar de página

# EDITORIAL

*Eis o número 2 do CIEN-Digital, tal e qual foi anteriormente anunciado.*

*Tal qual o número 1? Longe disto!*

*Sim: foi anunciado que este número ainda estaria fortemente marcado pelos efeitos derivados dos eventos promovidos pelo CIEN no princípio deste semestre, dos quais o Boletim Eletrônico se ocupa e faz circular entre nós. Um dos efeitos mais visíveis da experiência do CIEN é o interesse despertado em seus participantes pelo tema da interdisciplinaridade. CIEN DIGITAL n.2 destaca a questão, trabalhada de forma apaixonada e rigorosa, tal como a lemos em alguns textos.*

***APRESENTAÇÃO**: Há um foco, tal e qual no 1º número. A luz que nele e por ele irradia, atrai nosso olhar. Hora de ler com detida atenção para perceber as pequenas surpresas, encontrar os detalhes que se deixam ver... Desta vez, é o próprio **CIEN** que está em foco. Judith Miller, presidente do Campo Freudiano, "enquadra" o CIEN neste Campo, definindo sua existência no marco das tarefas do psicanalista, consideradas por Lacan como estar à altura de seus deveres no mundo. Os laços entre as várias instâncias que compõem o Campo Freudiano têm sua expressão na breve frase formulada no texto de Judith Miller: "Sem a Escola Brasileira de Psicanálise no Brasil, não haveria o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança: assim como nos outros países, esses Centros não existem sem a Escola".*

***HÍFEN:** Que aprendemos neste espaço consagrado à reflexão sobre a experiência da interdisciplinaridade? Ponto de união entre prática e elaboração da experiência, espaço vazio para acolher o que não se sabe, aqui encontramos o importante texto de Philippe Lacadée VINHETA **PRÁTICA**: tal como ela se elabora no Laboratório do CIEN.*

***ENTRE-VISTA**: A psicanalista Éster Cristelli Maillard nos conduz pela paisagem de sua lembrança relativa aos anos sessenta, em que iniciativas de trabalho organizadas por vários profissionais, em Belo Horizonte, davam forma ao conceito de pluridisciplinaridade. Que diferença Éster estabelece entre esta prática dos anos 60 e a atual prática da interdisciplinaridade realizada pelo CIEN?*

***LABOR(a)TÓRIOS:** O labor empreendido nos distintos Laboratórios visa a construção de respostas que o CIEN pode oferecer à guisa de contribuição aos problemas das crianças e jovens de nossa sociedade. É a partir deste objetivo que o trabalho de cada Laboratório se constrói, através das trocas entre os vários saberes presentes no dispositivo das conversações. Aqui encontramos quatro extratos de trabalhos realizados nos laboratórios do CIEN, no Brasil.*

***ÓRBITA:** O nome da rubrica indica a trajetória percorrida por um objeto ao redor de outro, sob a influência de alguma força – e isto se traduz em conseqüência para os respectivos campos envolvidos no movimento. Também o CIEN recolhe dos demais campos de saber, em áreas clínicas, literárias, sociais, elementos para*

*sua própria reflexão.São muitas as contribuições que gravitam no espaço desta rubrica. Confira!*

***PONTO DE VISTA**: Começamos a recorrê-los! Nota sobre o filme Querô, por Mônica Schetino, que o alinha a outras produções cinematográficas sobre a realidade brasileira como Bicho de Sete Cabeças e Carandiru. Ainda sobre cinema, Gláucia Simões comenta o filme A Criança, recentemente apresentado no evento CINE-CIEN, como atividade do laboratório a-Palavrar.*

*Lembramos-lhe que a rubrica Ponto de Vista oferece seu espaço a cada um que se sinta mobilizado a lhe endereçar suas contribuições sobre assuntos próximos ao núcleo deste Boletim além de críticas, sugestões e interrogações, através do e-mail mariarita.guimaraes@gmail.com.*

*CIEN-Digital agradecerá muito o seu retorno!*

*Como expressão de nossos agradecimentos a todos que se manifestaram com felicitações e incentivos o surgimento do Boletim, publicamos o comentário de Patrícia Ribeiro. Este comentário, como os demais, colocam-nos em renovado entusiasmo. Obrigado!*

*Maria Rita de Oliveira Guimarães*

# Apresentação

Onde se situa o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança? Ele se situa no Campo Freudiano. O Campo Freudiano é aquilo que foi definido por Jacques Lacan como sendo o espaço no qual a psicanálise teria que executar, de maneira permanente, uma reconquista sobre ela mesma. Primeiramente, assegurando sua práxis no mundo que lhe é contemporâneo. É por isso que Lacan considerava indispensável que os psicanalistas fossem formados em psicanálise e que isso definia a tarefa da Escola de Psicanálise.

No *ato de fundação* de sua Escola, Jacques Lacan lembra quais são, para ele, as funções da Escola. Ele define três seções, três departamentos de sua Escola.

Em primeiro lugar, um departamento de psicanálise pura que se interessa pela doutrina analítica, pela garantia de formação dos analistas e a qualidade do produto de seus trabalhos. Uma segunda seção, de psicanálise aplicada à terapêutica, posto que, efetivamente, a psicanálise é uma terapêutica. Uma terceira seção tem a dupla função que concerne à relação que a psicanálise e os psicanalistas podem manter com outras disciplinas, precisamente com a intenção de instruir a psicanálise por essas disciplinas, e, por outro lado, para educar as inteligências que se especializam nessas diversas disciplinas. Se vocês abrirem os trabalhos de J. Lacan, verão que ele aplica a si mesmo o dever de preencher o que ele afirma nessa seção.

Jacques Lacan refere-se à lógica, às matemáticas, à filosofia, à literatura, à poesia, à história, à sociologia. São disciplinas diversas que ele denomina *afins* à psicanálise.

Vocês vêem que o Campo Freudiano é bem vasto. O Campo Freudiano não compreende apenas as Escolas de Psicanálise, cujo conjunto já é bem vasto, mas, também, todas as instâncias de trabalho que exploram as diferentes dimensões de funções da Escola. Diria que, de tal modo, os especialistas dessas dimensões sejam seduzidos pela psicanálise. O CIEN é uma dessas instâncias que resultam da concepção que Jacques Lacan tinha das diferentes tarefas que esperava do psicanalista de suas Escolas, para estar, ele disse, à altura de seus deveres no mundo.

Acabei de dizer Escolas no plural, porque Lacan criou sua Escola na França e depois de sua morte, seus alunos – que estavam um pouco disseminados no mundo –, foram reunidos graças ao cuidado que Jacques Alain Miller tomou em relação a eles. Miller reuniu as Escolas de Psicanálise, por um lado na Europa, por outro lado na América Latina, numa Associação Mundial de Psicanálise.

Evidentemente havia leitores de Lacan que Miller não conseguiu reunir no Campo Freudiano, uma vez que durante a vida do próprio Lacan, já havia psicanalistas que estavam de acordo em trabalhar com o ensino de Lacan, mas, não com todo o seu ensino: era um pouco demasiado.

Eles consideravam que havia algo a formar e algo a deixar. Diria então que os psicanalistas do Campo Freudiano estariam na Orientação Lacaniana quando eles se engajam numa tarefa para a qual são necessariamente insuficientes, ou seja, estudar todo o ensino de Lacan.

Havia uma Escola criada por Lacan e as outras criadas pelos alunos de Lacan com o desejo inabalável de Jacques Alain Miller e, no Brasil, há a Escola Brasileira de Psicanálise. Sem a Escola Brasileira de Psicanálise no Brasil, não haveria o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança, assim como nos outros países, esses Centros não existem sem a Escola.

O hífen, traço de união, Lacadée escreve-o entre inter e disciplinar, do significante interdisciplinar do CIEN. E, no fundo, esse traço de união é o mais importante no interdisciplinar, pois, ele marca um pequeno espaço que não quer dizer nada. Um pequeno hífen, isso designa, de certa maneira, um vazio. Um vazio que pode indicar o lugar de uma ausência vibrante, viva, como um coração que bate pulsante e diz que, por mais formados que estejam os analistas de Orientação Lacaniana da Escola do Campo Freudiano, é próprio ao psicanalista *saber que ele não sabe*. No fundo, desde Freud, cada um daqueles que foi recebido por um psicanalista, foi recebido por alguém que – como psicanalista –, não sabia quem ele recebia, não sabia malgrado toda experiência que esse psicanalista poderia ter. Ele não podia fazer senão acolher o novo, como se fosse o primeiro que ele encontrava, sem pré-julgar quanto ao que adviria para essa pessoa. Pois bem, o traço de união é, em primeiro lugar, o frescor permanente da práxis analítica, da qual o psicanalista é o operador.

Insisti quanto à formação do analista, que esse não-saber do analista supõe uma formação extrema, pessoal, daquele que pratica a psicanálise. É bem difícil, é necessário verdadeiramente ter feito uma análise que foi bem longe para poder praticar esse *saber não saber*. O traço de união é primeiramente esse princípio que encarna o psicanalista, que é um princípio socrático de *saber não saber* e, isto, não somente com relação aos pacientes que eles recebem, mas também, com relação às dificuldades que outros especialistas podem encontrar quando esta especialidade diz respeito à infância e adolescência.

Hoje em dia é muito difícil saber quem é adulto, quem é criança, quem é adolescente. É algo, aliás, bem interessante para se refletir, mas enfim, não é a questão mais importante.

A questão importante é no fundo, para o CIEN, ter que definir as instâncias de trabalho onde o traço de união é operante. Esse traço de união é um operador, ele designa de certa maneira um desejo. A instância de trabalho do CIEN é o laboratório, ou seja, um lugar onde se elabora, onde se extrai por seu trabalho alguma coisa. Vocês terão compreendido que existem laboratórios que trabalham com pedagogos, pediatras, assistentes sociais, com várias profissões que concernem à criança.

Os colegas de Belo Horizonte vão poder precisar a vocês ainda mais o que é o CIEN. Enquadrei o CIEN para dar uma idéia àqueles que não têm nenhuma idéia do que é o CIEN. Peço às pessoas que já sabiam o que é o CIEN que me desculpem por ter que falar disso, mas é necessário ampliar para colocar o maior número de pessoas a trabalho nesse programa.

Penso estarmos em um momento no qual Lacan solicitava aos seus alunos que trabalhassem o suficiente para estarem à altura e fazer com que os princípios da psicanálise pura sejam mantidos – sem nenhum comprometimento deles –, ao mesmo tempo estando atento ao fato de que essa práxis tem incidência no mundo, na sua ação.

Já se vão sete anos que estamos no século XXI e o mundo mudou muito. A práxis, como teoria e prática da psicanálise, não vão ignorar a mudança desse mundo. O Campo Freudiano, suas Escolas e suas instâncias de trabalho, mantendo-se fiéis aos princípios da psicanálise, procuram saber como inscrevê-la num mundo globalizado.

Pois bem, por que isso é difícil? Porque o mundo globalizado é um mundo em que reina o universal, a homogeneização, um mundo no qual a particularidade de cada um se encontra, de certa maneira, completamente achatada, em razão do fato de que esse mundo funciona segundo o que poderia chamar as *leis do mercado*. O mundo da hiper-modernidade, como dizia Jacques Allain Miller, é um mundo da standartização mundial, da padronização mundial, de uma padronização galopante na qual o espaço é homogeneizado e o tempo cada vez mais comprimido. Existem técnicas para homogeneizar todo mundo; o problema é que o universal somente funciona se alguns ficarem de fora desse universal. Esse é o problema. Esse mundo da padronização necessariamente produz, na medida mesma em que ele pretende cada vez mais englobar, integrar, ele produz um resto, é um mundo de segregação. Os que não seguem a norma do universal são ejetados, são deixados no *olho da rua*, fora das discussões.

Neste ano de 2007 – em que acontece tanto o Encontro na Europa quanto o Encontro Americano aqui em Belo Horizonte –, é um momento de questionamento, pela psicanálise, de como restituir a particularidade de cada sujeito; ou seja, a unicidade de cada um, uma propriedade do seu desejo e de sua escolha, que ele mesmo freqüentemente ignora, e é por isso que Freud chama de inconsciente.

O Campo Freudiano fez um pequeno passo com relação ao que acontece justamente no CIEN, para encontrar as vias de invenção que inscrevem a psicanálise em nossa atualidade, essa de hoje e a de amanhã, dando então lugar ao caso único.

*Judith Miller*
*Tradução: Antônio Teixeira*
*Transcrição: Anamáris Pinto*

# A *VINHETA PRÁTICA* TAL COMO ELA SE ELABORA NO LABORATÓRIO DO CIEN

De retorno do Brasil pediram-me para precisar o que se entendia por Vinheta prática, que é a maneira pela qual os parceiros das diferentes disciplinas acolhidas no seio das reuniões do laboratório falam de suas práticas. Essas práticas se apóiam freqüentemente no dizer das crianças ou dos adolescentes dos quais eles se ocupam. Com efeito, nos nossos laboratórios é freqüente que educadores, professores, psicólogos, fonoaudiólogos, médicos, juízes, diferentes trabalhadores sociais, responsáveis de diferentes lugares, etc., falem e testemunhem da maneira pela qual exercem suas profissões. Estamos aí no âmago da interdisciplinaridade que sustentamos. Seguindo Jacques Alain Miller, chamamos *conversação*, isto é, a possibilidade de favorecer a enunciação que permite para aquele que se aventura nessa aposta, na qual nada está garantido – não uma preocupação terapêutica, em todo caso –, que um saber inédito possa ser dito.

Mas nem todos falam a partir do mesmo lugar nem a partir da mesma formação: cada um trata com suas palavras os pontos de impasses ou faz valer as soluções inventadas e que podem ser transmitidas. Eles são convidados a falar a partir de uma oferta feita pelo CIEN que pertence ao Campo Freudiano.

Se Freud descobriu seu inconsciente freudiano, ele soube criar um dispositivo preciso – o tratamento – para convidar um sujeito a dizer tudo o que lhe viesse à mente na presença de um psicanalista formado para isso, num lugar preciso e num contexto preciso: a sessão de análise. Ele poderia assim acolher o sujeito e seu sintoma, oferecendo-lhe a chance inventiva de uma clínica sob transferência à qual o sujeito viria para se livrar do sintoma. Este sintoma, mesmo sendo a solução do sujeito como resposta ao real, também o fazia sofrer. Lacan dirá, mais tarde, que a clínica é o impossível de suportar que o analista recolhe aos pés do leito, ou seja, aos pés do dito do paciente. Apreendemos bem que se trata, aí, de um lugar para ser protegido e respeitado.

Nesse contexto do laboratório de pesquisa recolhemos testemunhos que "são a ocasião de se descobrir como pode ser formulada adequadamente a importância de um momento que se revela mais freqüentemente num *a posteriori*"[1].

Esse efeito *a posteriori*, nós o devemos a Freud, que nos ensinou a ler aí como se forma-

[1] Judith Miller, em seu texto para o CIEN-Digital n. 01.

va para um sujeito, a lógica de um sintoma e, sobretudo, sua formação deduzida do enlaçamento de um primeiro tempo (tempo1) com um segundo tempo (tempo2).

Sabemos o quanto Lacan, com sua lógica do significante, pôde fazer valer o fato de que um sujeito não poderia se representar senão se articulando a um par ordenado, ou seja, a S1-S2, mesmo que haja sempre um resto, um pedaço de real que escapa por estrutura à tradução em palavras. Retenhamos dessa lógica do efeito *a posteriori* justamente o que se opera como efeito de "trans-formação" para um parceiro de uma disciplina, que relata um momento de encontro com uma criança, uma situação precisa que lhe faz pensar que ele poderia falar disso nesse espaço da conversação interdisciplinar. É esse relato de testemunho que nomeamos vinheta *prática*, insistindo sobre o fato de que é no *a posteriori* do relato que se encontra, devido ao dispositivo do laboratório, o efeito de transmissão possível. Precisemos que *não é* uma vinheta *clínica*, a saber, o relato de um momento da cura de uma criança, ou o relato de um trabalho particular com uma criança em uma instituição de cuidados onde se pratica a psicanálise aplicada à terapêutica.

Essas *vinhetas práticas* contribuem com a orientação do CIEN situando "...as condições às quais a tradução em palavras dos impasses que se coloca, um laboratório opera uma modificação, uma mutação, uma perspectiva de subjetivação, bem diferente da passagem ao ato cega ou o caminho da repetição sintomática."[2]

O traço de união do interdisciplinar[3] especifica a conversação de interdisciplinaridade que o CIEN inventa por causa do espaço que ele sustenta e que não é um espaço de elaboração clínica nem de formação analítica. Ele se guia, entretanto, pelas lições de Freud, de Lacan e dos diferentes discursos como modalidade de laço social que Lacan esclareceu em seu seminário O Avesso da psicanálise (LACAN, 1969-1970).

Judith Miller propõe, seguindo Jacques Alain Miller, que o que ele nomeia como "educação freudiana" possa ampliar o círculo da opinião esclarecida às dimensões da opinião pública. O CIEN tem uma prática, deduzida dos diferentes testemunhos, que faz valer como ele trata os pontos dolorosos da vida cotidiana que o discurso corrente agrava mediante suas queixas e mesmo por seus protestos.

CIEN demonstra como se distancia "do canto universalista de um cientificismo surdo à particularidade do ser falante". A crítica esclarecida que o CIEN faz valer com relação "às políticas segregativas e securitárias" mostra a redução da criança a um ser "consumidor-produtor", como nos ensinaram as conversações sustentadas pelos laboratórios do CIEN nas favelas.

Cada parceiro das diferentes disciplinas nos ensinou, por meio de vinhetas práticas, as invenções que eles souberam criar para se introduzir nos circuitos infernais onde a vida não tem mais que a morte como parceira. Ficar vivo (FICA VIVO!) para que o corpo não seja reduzido a um simples organismo em falta e que o sintoma não seja somente um déficit ou a porta aberta a um simples *handicap*.

As conversações feitas com as crianças e adolescentes demonstram como aquelas lhes servem para nomear uma parte do nome de seus sintomas e também para se escutarem entre si e saber o que falar quer dizer. "Se a psicanálise restitui a particularidade de cada um, é precisamente por não cair num determinismo utilitarista ou consolador e por apostar nas fontes inventivas e poéticas da contingência, do equívoco, do encontro. Longe de manter as impotências encurraladas pela modernidade, ela oferece a chance de circunscrever o impossível da não relação sexual. Esclarecido por ela, o CIEN trata os pontos de apoio dos quais se lamenta o mundo contemporâneo: ele opera

[2] ibid.

[3] Em francês, as expressões *inter-disciplinaire* e *inter-disciplinarité* são separadas por hífen.

por um deslocamento que resulta de se tomar em consideração a pulsão e seus destinos, sem pretender com isto assegurar uma clínica da qual ao menos um dos participantes dos laboratórios tenha, de outro ponto de vista, experiência".[4]

Insistimos aqui sobre este *ao menos um* do laboratório que não intervém no laboratório como psicanalista, mas como aquele cuja experiência de sua própria cura tendo-lhe conduzido a certo real, a um impossível, sabe fazer com isso para sustentar e garantir o respeito do hífen interdisciplinar. Ele é o garantidor – devido a esse "saber não saber" do qual fala Virginio Baio, de que a pesquisa do laboratório se orientará por seu tema, ensinando-se, não pela clínica, mas pela prática de cada um; o que não impede que os clínicos presentes possam fazer valer, sobre um ponto, o que a experiência de uma criança em uma cura pode trazer para esclarecer a conversação sobre a pesquisa empreendida. Aqui, então, nada de ilusão de que um deteria um saber que daria as soluções dos problemas.

As diferentes *vinhetas práticas* publicadas dão testemunho das transformações produzidas pela prática da conversação, própria ao CIEN, que "garante um meio de proteção do dizer em relação ao Charybde en Scylla[5] contemporâneo que leva do amordaçamento à passagem ao ato".[6]

A prática do CIEN se constrói a partir da colocação em série dessas diferentes vinhetas práticas, de todos os relatos de momentos do trabalho prático de nossos diferentes parceiros. Ela é diferente da prática que se deduz da cura analítica. Ela responde, entretanto, à mesma lógica, ou seja, essa que desfaz as identificações, como disse Lacan, e permite um jogo de vida, como disse Freud. Ela advém de uma nova relação com o Outro. Cabe ao CIEN fazer conhecer essa lógica e fazer com que se associem a ela os profissionais que se ocupam das crianças e dos jovens, especialmente mediante relatórios das diversas atividades de seus laboratórios nas diferentes publicações ou jornadas de trabalho do CIEN.

*Philippe Lacadée*
*Tradução: Cristiana Pittella de Mattos*
*Revisão: Yolanda Vilela*

[4] ibid.

[5] ***Charybde*** et ***Scylla*** são dois monstros da mitologia grega cuja lenda está na origem da expressão "vogar, deslizar de Charybde para Scylla", que significa evitar um perigo para cair num outro.

[6] Ibid.

## IIª. PARTE

**CIEN-Digital**: Qual é a importância de um trabalho como o do CIEN para o Campo freudiano?

**Ester Cristelli-Maillard:** Penso que os Laboratórios do CIEN funcionando segundo a sua lógica interdisciplinar, constituem um dispositivo de trabalho dentro dos princípios da práxis do Campo freudiano. O CIEN permite circunscrever e esclarecer o laço social que define o Campo freudiano em relação aos outros campos.

Para desenvolver este ponto de vista abordarei aqui outro campo de trabalho, diferente do Campo Freudiano, realizado há muitos anos em Belo Horizonte, como trabalho pluridisciplinar, portanto, sem a interdisciplinaridade que o CIEN instituiu.

Nos anos 1963/66, a partir de motivações diversas-, políticas, religiosas, leigas, profissionais e outras -, estudantes universitários e profissionais de disciplinas diversas, saíram das instituições oficiais e foram trabalhar junto às famílias, jovens e crianças das favelas.

No início foi uma ação na qual apoiavam a resistência dos habitantes ameaçados de expulsão. Passado este momento, estes estudantes promoveram cursos de alfabetização, criaram pontos de assistência médica e social.

Havia uma escuta e uma atenção particular às invenções singulares, uma docilidade na aceitação das propostas vindas da parte dos adolescentes e suas famílias. Cada estudante, cada agente, trabalhava a partir do saber de sua disciplina, tentando dar uma resposta universal aos problemas tratados.

Existe atualmente em BH uma maior sensibilidade à necessidade de criarmos infra-estruturas nas favelas, como Escolas, Centros Sociais, Oficinas, Instituições, etc., que abrem caminhos à criação de novos laços sociais. Embora de forma ainda insuficiente, profissionais ocupam atualmente o terreno. É uma realidade frágil, que exige muita tenacidade e conta com a determinação e coragem dos que ali trabalham como pude constatar. Houve melhoras incontestáveis, mas não podemos dizer que a favela hoje seja melhor que a favela de ontem.

Se de um ponto de vista podemos falar de melhores condições para um trabalho junto aos jovens habitantes das favelas, podemos também constatar novos problemas tal como o aumento do tráfico de drogas e do elevado índice de morte dos adolescentes, entre outras dificuldades tratadas nos Labora-

tórios do CIEN. Belo Horizonte foi considerada há alguns decênios como a cidade mais tranqüila para se viver na América Latina!

Trabalhar junto aos jovens que sofrem segregação, me fez pensar em Belo Horizonte, na frase de Lacan em Televisão: "É certo que agüentar a miséria, como diz o senhor, é entrar no discurso que a condiciona, nem que seja a título de protesto" (LACAN, 2003, p. 516).

Esta é uma frase de Lacan que me incomodou muito. Como conciliá-la com a responsabilidade ética do psicanalista de estar à altura da subjetividade da sua época? No entanto, senti o quanto esta frase, tão bem registrada na nossa mente, deixou outra, do mesmo texto, quase esquecida: "O discurso que digo analítico é o laço social determinado pela prática de uma análise. Ele merece ser elevado à altura dos mais fundamentais dentre os laços que continuam em atividade para nós" (LACAN, 2003, p.517).

Aquilo que os estudantes procuravam criar nas décadas de 60 se encontra hoje em desenvolvimento nas favelas que visitamos. Mas a presença do CIEN introduz e promove um laço social inédito. A psicanálise transformou a relação ao saber com a descoberta do inconsciente e a emergência do sujeito. Isto esclarece, a meu ver, a importância do CIEN para o Campo Freudiano. Nas instituições que visitamos, pude perceber os efeitos dos Laboratórios do CIEN.

**CIEN-Digital**: O CIEN tem uma lógica de sustentação na forma de funcionamento em laboratórios, que, por sua vez, se regem pela lógica de uma interdisciplinaridade que lhe é própria. Como você entende esta interdisciplinaridade ?

**Ester Cristelli-Maillard**: Falarei, primeiramente, de outra atuação pluridisciplinar, desta vez na França, cujos trabalhos são "dirigidos" por psicanalistas e clínicos do campo "psi" como dizem aqui. Fora dos Laboratórios do CIEN e fora do Campo Freudiano, certas instituições públicas, médico-psicológicas, são solicitadas pela direção dos colégios para ajudá-los a tratar os problemas com os adolescentes. O reitorado pensa mesmo em fazer um contrato com certas instituições, formalizando e remunerando este trabalho.

Os psicanalistas propõem, então, reuniões com todos os profissionais da escola, escutam-lhes e, em seguida, fazem proposições. Eles se constituem como Sujeito Suposto Saber, seja na escuta dos adolescentes ou do corpo docente. Eles se incubem da tarefa impossível de trazer soluções pragmáti-

cas... às dificuldades encontradas.
Temos ai uma pluridisciplinaridade: a participação de diversos profissionais que, no exercício de suas funções diversas, são confrontados com as dificuldades do corpo docente e dos adolescentes.
Qual é o fenômeno que podemos observar? A forma que encontram de sustentar o tratamento de cada caso no singular, é sempre a indicação de encontrar um analista, fixando assim uma norma quase universal. Confrontados ao impossível, indicam um tratamento psicanalítico!
E quando os adolescentes ou professores não demandam uma análise são julgados em falta, como "em recusa do tratamento". Os analistas se encontram impotentes. A falta pode também ser atribuída aos próprios colegas, como profissionais incapazes de receber adolescentes convocados a consultar! Surgem então os especialistas. Aparecem assim certas dificuldades do trabalho com o « não analisando", numa demonstração de uma "auto-segregação » na qual a psicanálise pode se colocar.
Outros clínicos reduzem sua atuação a um âmbito pedagógico, aquele da mestria, a fim de obter a pacificação dos conflitos e facilitar o bom funcionamento escolar, respondendo à demanda de certos professores e outros agentes escolares. As dificuldades em isolar o impossível de cada profissão dificultam também a prática de uma política do impossível.
A partir deste ponto, como definir a interdisciplinaridade?
O Outro não existe e não devemos fazê-lo existir através de nenhuma das disciplinas. Este matema de Lacan ajuda-nos a tocar os pontos de impossibilidade em cada disciplina.
Na interdisciplinaridade está presente o impossível, como incurável. Isto é o que a psicanálise introduz no coração dos trabalhos de pesquisa e na conversação. A proposição da interdisciplinaridade nos conduz a ter em conta o buraco no saber e a abertura da posição de « sujeito » para os jovens e crianças em dificuldades. A partir de suas respostas e das bricolagens que criam, leva-se em conta também o que eles tratam com suas respostas.
O CIEN sustenta-se na conversação a partir de cada caso ou situação no singular.
Instituindo e sustentando uma lógica de interdisciplinaridade que lhe é própria, o CIEN promove o vazio do saber e o situa no centro do trabalho de diversas disciplinas. A criança e o adolescente ocupam o lugar do sujeito nos trabalhos promovidos com eles.

*ester.cristelli-maillard@wanadoo.fr*

## As medidas da liberdade: Laboratório Língua Viva

Sob os auspícios do CIEN no dia 31 de julho, na sede da EBP-MG, participaram da mesa de debates sobre "As medidas da liberdade": Maria José Gontijo Salum do laboratório Língua Viva, apresentando seu texto sobre o Ato e Responsabilidade a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente e Cristiane Barreto apresentando um caso de um jovem que cumpria a medida sócio-educativa Liberdade Assistida, tendo sido comentados por Philipe Lacadée e divulgado no CIEN-Digital 01.

Lacadée ressaltou que o texto apresentado contempla a perspectiva do CIEN: interdisciplinaridade. Por ele, discutiu-se a relação da Psicanálise com o Direito, na abordagem da atual legislação brasileira que trata da infância e adolescência, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), especificamente no que diz respeito às medidas jurídicas previstas para o adolescente autor de ato infracional.

Ao adolescente que cometeu uma infração, o ECA prevê seis medidas, chamadas sócio-educativas: Advertência; Obrigação de Reparar o Dano; Prestação de Serviços à Comunidade; Liberdade Assistida; Semi-liberdade e Internação. No lugar da privação da liberdade que era a única medida frente ao que escapa da lei, outras medidas tornaram-se possíveis.

A inserção da psicanálise nos projetos e programas que trabalham com adolescentes que cometeram infrações, leva-nos à consideração de qual uso é possível fazer dos dispositivos jurídicos existentes para que um sujeito apareça, onde, tradicionalmente, havia um ato e uma punição, Lacadée ressalta que esta é a questão presente no texto.

Ao profissional cabe operar, no encontro com estes adolescentes, desde a perspectiva de que o ato infracional seja considerado uma resposta possível do jovem. São respostas que se relacionam à dimensão do real presente na puberdade. Frente ao real, a resposta pode advir na forma de atos. Lacadée adverte-nos que o CIEN, ao trabalhar na perspectiva interdisciplinar, visa não suturar o real com o saber, mas considerar o real em jogo.

A ação da psicanálise com os adolescentes às voltas com atos infracionais deve se orientar em direção aos projetos e programas nos quais a abordagem da lei consinta com o real, pela qual o sujeito possa aparecer. Isto significa promover uma política da psicanálise que seja orientada pelo sintoma do adolescente.

*Maria José Gontijo Salum*

# Laboratório: "Jovens em vulnerabilidade social: novos sintomas"

Em 07 de agosto de 2007, na sede da ONG Viva Rio – no quadro do projeto Resgate da Cidadania[7] –, com a presença do vice-presidente do CIEN, Philippe Lacadée, pudemos discutir uma vinheta prática referente ao envolvimento de um jovem com a criminalidade.

Este jovem fora abandonado na infância e tentava, através de comportamentos inadequados, ser abandonado pela família adotiva assim como ser retirado do citado projeto. Encontrava-se, portanto, em situação como a de outros jovens que atualmente colocam suas próprias vidas em risco como uma forma de dizer para o mundo que eles existem. Assim, temos proposto pensar,

em nossas discussões do laboratório, a delinqüência como um apelo que inclui um sofrimento, e não como um distúrbio do comportamento.

Como este jovem começara a faltar à escola e em algumas atividades do projeto, marcou-se uma reunião com ele nas presenças da coordenadora e da psicóloga do projeto, para que pudesse ser falado a ele não só as regras deste projeto, mas, que ele pudesse também tomar a palavra e falar de seus sofrimentos. O jovem relata, neste dia, que não tinha o dinheiro da passagem de ônibus para comparecer à escola em um dia de prova: a psicóloga lhe propõe emprestar o dinheiro. Ele aceita o empréstimo e some por quinze dias. Em seu retorno ao projeto, o jovem contará para a psicóloga, que estava trabalhando como educador.

Philippe Lacadée destaca como, a partir da intervenção feita e valendo-se da experiência de conversação, o jovem pode traduzir em palavras aquilo que não queria saber. "Não querer saber" trazia conseqüências para sua vida, levando-o ao pior, isto é, a participar do tráfico de drogas. Foi a partir dessa oferta e – porque não? – do empréstimo da palavra, que este jovem conseguiu subjetivar uma dívida simbólica.

[7] Este projeto é coordenado pela socióloga Leila Lino, na modalidade de parceria entre o Viva Rio e a Secretaria Especial de Direitos Humanos que trabalha com jovens em situação de risco. O jovem foi atendido pela psicóloga do projeto, Sideise Bernardes Eloi Gallagher.

Dado o declínio da função paterna, não há transmissão da dívida simbólica, cabendo ao sujeito a tarefa de subjetivá-la. Se o sujeito se sente privado dessa dívida, é como se ele não devesse nada ao Outro e, como resultado, permanece o sentimento de ter todos os direitos, o que o leva a se conduzir como um ser fora da lei.

Desta forma, ao entrar numa relação de dívida com a psicóloga, o jovem pode encontrar uma solução: a de ser educador em um abrigo. O sujeito ao inventar sua própria solução, a partir do "ponto de onde", não se veria mais como uma criança presa no discurso familiar.

*Leila Lino, Sideise Gallagher*
*e Simone Bianchi.*

## Laboratório: O Avesso da Família e a Cidade de Deus: Autoridade Autoritária X Autoridade Autêntica

Por ocasião da vinda de Philippe Lacadée ao Brasil em 2007, o laboratório em formação "O Avesso da Família e a Cidade de Deus" promoveu uma conversação na favela com este nome, situada na zona oeste do Rio de Janeiro. O evento se deu no auditório da CUFA – Central Única das Favelas, que acolheu representantes de três instâncias envolvidas com a assistência e/ou educação das crianças e adolescentes dessa comunidade: os profissionais das escolas locais (assistentes sociais, professores, psicólogos), integrantes de ONGS ali presentes e trabalhadores da saúde mental da região. Partimos do seguinte tema: A falta de limite, a rebeldia e a agitação dos corpos: como lidar com crianças e adolescentes hoje? Esse é o primeiro de uma série de três pequenos textos produzidos a partir de nosso debate.

Uma das questões colocadas por uma professora foi a de como fazer para encarnar certa autoridade, posição necessária para transmitir um saber formal. Lacadée resgata o relato de Hélia Rita Oliveira, coordenadora de uma escola municipal, que se disse surpresa com o aumento da auto-estima e o envolvimento de seus alunos com as atividades propostas, após uma visita destes ao Teatro Municipal para assistirem uma ópera. Lacadée retoma as formulações acerca do Nome do Pior, como a possibilidade de crianças e adolescentes se nomear com nomes, apelidos, vindos de coisas que encontram nas ruas. Como se as ruas às vezes se tornassem o lugar, ainda que de forma bizarra, de aprenderem certo saber que não o do pai. Esses Nomes são próximos do real, um real que se encontra em suas cabeças e corpos. Aqueles que têm o desejo de ir ao encontro dessas crianças e adolescentes, trazê-los para perto, precisam ir até o território deles, conhecer as regras de vida que inventaram para poderem ficar vivas. Sabemos o quanto a vida nesses lugares é frágil, dessa forma, não podemos deixá-los sozinhos. Caso isso ocorra, eles podem recusar o saber do Outro, já que, para alguns, aprender pode ser perigoso, na medida em que podem se dar conta do que são e o que vivem. Optam então, pela ignorância, acomodam-se na posição de baixa auto-estima, ou ainda acreditam que serão mais fortes com seu saber e não com o que lhes é ensinado. Outro

risco seria o da sedução do tráfico, que pode oferecer a eles produtos tóxicos, solução rápida para o sofrimento, que alteram suas idéias, mas também destroem seus corpos. É necessário tirá-los do entorno em que vivem e mostrar que outras coisas existem. Para isso, precisamos nos dar conta do que eles aprenderam em seus territórios, e ao mesmo tempo apostar num desejo de aprender. Foi o que fez Hélia ao oferecer a seus alunos a ópera e o encontro com uma orquestra. Para levá-los a outros mundos, segundo Lacadée, é preciso partir de uma posição não autoritária. Ele propõe nesse lugar, uma posição que denomina "autêntica", que seria aquela que reconhece a nomeação e solução que encontram, dizendo sim, como faz um pai com as invenções das crianças. No momento em que se reconhece uma parte daquilo que os alunos pensam e fazem, eles percebem que não há a intenção de impor idéias. Haveria assim uma chance, em especial para os ditos rebeldes, de entenderem, por exemplo, o ato de respeitar. Afinal, mesmo com suas provocações, foi reconhecido que ali havia um sofrimento, um sinal de desespero, a busca pela singularidade. Sendo assim, por que não levar a sério suas brincadeiras e jogos e levá-los a aprender outras regras da vida?

*Fernanda Dias*

## Conversação na Favela da Serra : Laboratório a-Palavrar"

Em privilegiado local, no entre (mi-lieu) de duas arquiteturas – a da cidade formal e a da favela – no dia 30 de julho de 2007 realizou-se a conversação entre laboratórios sobre educação. Este encontro inaugurou a série de eventos marcados pela participação de Judith Miller e de Philippe Lacadée em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. O grande público que subiu o morro surpreendeu-se, primeiramente, com a construção cuidada e bonita da Unidade Municipal de Educação Infantil, que oferece os cuidados pedagógicos a crianças de zero a seis anos. Para muitos que ali acudiram naquela tarde, não foi pouca a beleza que os acolheu. Estranha beleza que conduzia o olhar para o ponto de encontro e desencontro de duas realidades urbanas e sociais em oposição, enquanto o sol decorava o cenário em que crianças soltavam pipas e inspiravam as falas da mesa.

A Conversação prosseguiu com o por do sol. Todo este conjunto de elementos prestava-se a realçar as questões apresentadas pelo Laboratório a-Palavrar cujo objetivo era lançar a pergunta sobre como ir além de idéias já naturalizadas e comumente de cunho discriminatório sobre a manifestação da sexualidade das crianças e adolescentes moradores na favela, freqüentes no meio educacional, assim como na mídia. Vários predicativos que fazem parte das "idéias naturalizadas" colocam a sexualidade infanto-juvenil dos pobres como "questão fechada" em equivalências, tais como sexualidade e promiscuidade, sexualidade e excesso, sexualidade e precocidade..

Constitui um grande desafio enveredar por este beco, aparentemente sem saída: cabe, porém, revisitar a favela em busca de conceitos que impliquem pensá-la em sua corporeidade própria,corpo urbano sempre grávido, mas sem as "idées reçues", como se diz em francês. Despojados delas, quem sabe não encontraremos a saída do beco? A figura que contracena no imaginário social é a da promiscuidade. A indagação é: a proximidade de corpos que partilham o espaço exíguo de uma só cama – como é "natural" suceder nos pequenos barracos onde vivem famílias de prole numerosa – fornece elementos que sedimentam conclusões

sobre a questão que se tenta estudar? Para ir além, nesta pergunta, foi necessário ao a-Palavrar ir além da versão da favela como carência: de espaço físico, de emprego, de comida, de respeito, de lei, ou, na tradução mais claramente negativa, como não-espaço, não-emprego, não-comida, não-lei. A interlocução que Philippe Lacadée fez à apresentação do Laboratório partiu de um "feliz encontro", já que a referência à urbanista Paola Berenstein Jacques era comum aos trabalhos.

A sexualidade, como nos lembrou Lacadée, vem fazer buraco no real, o que coloca em xeque aqueles que querem ensinar a sexualidade às crianças, pois a sexualidade não se aprende. Muitas vezes a sexualidade é reduzida, por pretensa educação, às medidas preventivas. Não há saber na linguagem, portanto, não há saber sobre "como se comportar com o outro sexo": cada um inventa a seu modo, inventa sua solução para abordá-lo.

As teorias sexuais infantis nos ensinam como a criança descobre a sexualidade pelos orifícios corporais em sua relação com o Outro. Daí a importância da educação que coloca a criança em face de seus orifícios – oral, anal, fálico, e ainda, voz e olhar, levando em conta a palavra: "Isso pode", "isso não!". Para fazer viver seu corpo é preciso a linguagem: é ela que nos ensina o que é a vida e a morte, nela estamos enlaçados. Philippe Lacadée ressalta o problema para as crianças e adolescentes que vivem em meio da precariedade simbólica – o que as deixa imersas numa linguagem da sensação, mais perto do corpo, que é uma solução em impasse. Então como ajudá-las a se conectarem ao saber que vem do Outro? Será preciso dizer Sim para estas soluções que inventam, para que haja possibilidade do Não, para que a interdição funcione. Esta é a função do pai, tal como está ressaltada por Jacques Alain-Miller em seu comentário do Seminário 5 de Lacan.

Onde encontramos a promiscuidade – proximidade –, é preciso o espaço das palavras que se diz a um Outro.

Tal como o sol que não podemos olhar de frente, a morte, vista tão de perto como sucede na experiência de muitas crianças, oferece riscos. Estas crianças, por verem a morte tão de perto, não têm a chance de parar e ver o sol se pôr, vê-lo se esconder, para que elas também pudessem, no poente de cada belo horizonte, se deleitarem com as palavras.

*Cristiana Pittella de Mattos /*
*Maria Rita Guimarães*

O CIEN tem criado espaços onde podemos enlaçar os diversos saberes. Para tanto não pré-julgamos o dizer nem o fazer de cada um, tal como nos alertou e indagou o poeta Drummond em *Favelário Nacional*: não viemos aqui para "urbanizar com a régua, compasso, computador, cogito". Ao criar espaços de elaboração coletiva, queremos ampliar a conversa, onde cada parceiro possa se deixar ser sensível ao sofrimento e às palavras das crianças e adolescentes, não se contentando com respostas prontas e válidas para todos ou que ainda, não procuram – como também nos alertou Drummond em *Desfavelado* – fazer o bem a todo custo: *"me tiraram do meu morro... de meu cômodo... me botaram neste quarto multiplicado por mil quartos de casas iguais... –, me fizeram tudo isso pelo bem..."*.

Essa é nossa responsabilidade. Zelar para que a cada vez esse lugar e laço sejam criados para que possamos apreender como em nossa época, cada um inventa sua solução para fazer face ao real que lhe preocupa. Como nos diz Judith Miller, que os direitos da criança – e do adolescente –, em dificuldade ou em conflito não sejam reduzidos a um formalismo abstrato, e que haja uma chance efetiva para o sujeito encontrar um endereçamento que convém ao seu sofrimento.

É por isso que o CIEN convidou e se endereçou àqueles que querem falar conosco e têm coisas para dizer de seus trabalhos nas favelas, para que nos ensinem suas invenções e possamos conversar sobre seus impasses e questões. Somos curiosos desse Outro, queremos aprender com eles, como cada um responde, se enlaça e cria vida nos morros. Com estes que sabem inventar discursos: "*práticas de vida*" – Gil Amâncio –, ou *causar o vôo dos jovens* – Humbiumbi –, assim como também aqueles que possibilitam aos jovens ficar vivos, desejantes; vivos no que uma vida precisa realmente – Ludmilla Féres, Fica Vivo. Certamente há outras práticas, ações, saberes, que permitem aos jovens não ficarem tomados pela pulsão, sem a segurança de um discurso. Essas práticas e invenções que enlaçam os jovens ao Outro social possibilitando-lhes outras saídas que aquelas mortificantes, nos interessam! Elas desabrocham o jovem, criando *lugares de vida!*

Anamáris Pinto, generosamente, nos traz os ecos deste Encontro.

*Cristiana Pittella de Mattos*

O Centro Cultural Maria Lívia de Castro acolheu o CIEN no dia primeiro de agosto de 2007 para a calorosa Conversação sobre o tema "A favela na Cidade". Neste encontro contamos com participação de Judith Miller, presidente

do CIEN que com muita clareza contextualizou o CIEN no mundo contemporâneo a partir de uma leitura da função gramatical do traço de união – tal como está esclarecido por Judith Miller na rubrica Apresentação deste número – e de Philippe Lacadée, vice presidente do CIEN, que comentou com rigor e interesse os textos apresentados.

Das inúmeras elaborações que esta conversação gerou, destacaremos algumas que, com certeza, nos convidam à continuidade deste trabalho.

## Quando o Morro desce ao asfalto

Maria Lívia de Castro norteada pelo texto de Paulo Emílio de Castro Andrade, presidente da ONG Humbiumbi, pautou-se pela apresentação da história de um jovem para quem o encontro com o trabalho da Humbiumbi fez grande diferença, pois lhe ofertou alternativa a uma vida que ele designava como de "pura miséria". O uso que o jovem em questão fez de sua experiência e de suas relações na ONG Humbiumbi, possibilitou-lhe um redirecionamento de sua vida, para além da miséria, ou seja, mudanças em seu posicionamento no mundo.

## Negociar, a arte como mediadora das relações humanas

Gil Amâncio expôs "com muita ginga" – para tomarmos a expressão de Célio Garcia, moderador desta mesa –, fragmentos de suas experiências nas oficinas que realiza no Alto Vera Cruz. Nestas experiências relatadas há muita riqueza de invenções: sobre elas Philippe Lacadée teceu comentários, realçando, sobretudo, a posição que Gil Amâncio ocupa ao implicar os jovem nos próprios projetos, como tão bem ficou demonstrado através da vinheta apresentada. Philippe Lacadée destacou a importância do laço estabelecido entre Gil Amâncio e um jovem DJ, que possibilitou uma intervenção eficaz ao causar, nesse jovem, uma dívida simbólica que o impulsionou rumo á viabilização dos procedimentos necessários á aprovação de seu projeto pela "Lei de Incentivo a Cultura". A partir de inúmeras questões que sua prática com os jovens lhe impõe, Gil Amâncio demanda a interlocução da psicanálise, via funcionamento do dispositivo de Laboratório, para que equipes de trabalho possam ser formadas e ajudadas quanto às relações que acontecem nessas experiências. Segundo Gil Amâncio, seria uma ajuda no desenvolvimento da habilidade de saber "aquilo que está por trás do discurso".

## A vila dos Meninos

Ludmilla Féres Faria apresentou-nos uma experiência ocorrida no interior das ações do Programa Fica Vivo, pertencente á política da Secretaria de Estado de Defesa Social de Minas Gerais. O referido programa governamental não conseguiu sua implantação, em determinada localidade, devido á resistência de sua população ao mesmo.

Curiosamente, o nome da localidade é Vila Ideal e, ainda que um morador diga "ali estamos em paz", a explicação sobre a "paz" descreve a situação análoga à que se demonstra na "escolha forçada" – a bolsa ou a vida... "se alguém roubar, matar e estuprar aqui dentro, (na região da favela Vila Ideal) os meninos matam ou expulsam, sem dó! Alguns deles até deixam a gente vender o barraco antes de ir embora, mas tem de ir embora. Não quero que isto mude. Agora vivo tranqüilo".

Este acontecimento ressoou nas estratégias e condução da política do Fica Vivo exigindo o exame de questões:

1- Como sustentar uma prática que abale os anteparos de isolamento construídos por esses adolescentes, cujo destino, por vezes, é o pior?
2- De que forma esta prática se viabilizaria como prática política, pela qual uma conexão com a experiência de cada um deles pudesse ser estabelecida?

A estas perguntas, Ludmilla tenta responder por meio de duas vinhetas práticas pelas quais se deixa entrever uma via possível através de uma política que se oferece nos espaços abertos das favelas. Trata-se de uma prática política em construção a partir de cada detalhe, de restos e sobras que escapam ao social. Esta política, ao se dirigir aos adolescentes, leva em conta o singular de cada um.

## O que a favela pode nos ensinar

Em sua apresentação nesta tarde, Philippe Lacadée, focalizou a favela fazendo referência ao surgimento dela que jamais seria casual como lugar onde uma comunidade cria seu habitat. Ele nos remete ao livro Estética da Ginga (Paola Berenstein, 2003)[8] no qual a autora desenvolve três estatutos de representação da favela: o primeiro pela imprensa, o segundo pela pesquisa e o terceiro pela arte. Por esses estatutos, segundo Philippe Lacadée, localiza-se a entrada da realidade da favela no discurso, datando assim o momento de sua inserção na língua viva.

O samba, que nasceu no Centro do Rio e subiu aos morros, torna-se responsável por

[8] Jacques, Paola Berenstein.Estética da Ginga : a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

novas representações da favela, ao influenciar a língua viva e mesmo a língua brasileira. No desenvolvimento de sua exposição, Philippe Lacadée nos aproxima do movimento atual em que o rap, nascido nos guetos americanos, toma lugar subindo o morro na voz dos jovens. Tal como o rap a que Gil Amâncio fez referência nesta conversação, não se trata do uso do rap como modalidade de ascensão social, mas como uma necessidade quase vital, como conseqüência da vida no momento particular da adolescência.

Lacadée extrai os dados estatísticos trazidos por Cristiana Pittella e Ludmilla Feres Faria em seus textos: em dois anos houve mais de 2000 assassinatos. Esta cifra leva-nos à constatação de que o lugar onde se podia dar a vida, torna-se o lugar onde se pode encontrar a morte. Destaca, em razão disto, a importância de um Programa de Controle de Homicídios como o Fica Vivo que, através das vinhetas apresentadas, nos transmitem como se pode extrair algo de real. Este real que só é apreendido se a palavra for dada aos adolescentes, aos habitantes da favela. Ao ouvi-los, pode-se apreender como manter vivo o desejo, quando ele é reduzido a um ponto mínimo. Ao ouvi-los num movimento de quem não persegue os jovens – como o faz ordinariamente a polícia – é possível criar a possibilidade de se oferecer a eles como um vetor que permite dar um enquadramento ao pior. A experiência do Fica Vivo nos ensina a acolher o sofrimento, a ouvir as palavras dos jovens e a acompanhar seu movimento, pois é preciso saber se colocar em movimento a si mesmo, dando-lhes a possibilidade de correrem nas palavras e não com seus corpos vivos.

Oferecer aos jovens a possibilidade de frear, de encontrar um ponto de ancoragem, uma referência para que eles se dirijam não ao pior, mas às palavras, com a urgência de encontrar a solução de cada sujeito, de cada adolescente para manter-se vivo.

*Anamáris Pinto*

## Conversação Clínica na CLAC com Philippe Lacadée: 'Da família ao sujeito'

Na quinta feira 9 de agosto de 2007, aconteceu na Seção Rio da EBP, a Conversação clinica do Centro de Atendimento CLAC, com Philippe Lacadée. O tema proposto, referido à problemática freqüente nas demandas dirigidas ao Centro, teve por objetivo abrir uma vertente nova em nossa investigação: o campo que vai 'da demanda da família, ao discurso do sujeito'. Após uma breve comunicação sobre os textos encaminhados para a Conversação, por parte dos autores, três casos clínicos e um texto de apresentação teórica, Philippe Lacadée, como convidado e principal debatedor do evento, deu inicio a seus comentários valorizando a teoria desenvolvida no texto de Ana Martha W. Maia. Ele debruçou –se sobre os casos clínicos, apoiado nos conceitos psicanalíticos que o texto teórico oferecia: a constituição do sujeito, a fase do espelho, o desejo da mãe, assinalando a importância da precisão teórica para pensar a prática clinica. A seguir, Philippe Lacadée comentou o caso atendido por Cherubina De Cicco, intitulado "Andreia, uma jovem menina", dizendo que ela se encontra presa a uma palavra da mãe que a insulta, presa a uma injúria. Destaca o que esse sujeito pode fazer na transferência com a palavra materna que lhe causa

horror: colocar uma barra ao desejo materno, para ir ao encontro do pai.

No "Caso Arthur", irmão mais velho de "Andréia", apresentado por Simone Bianchi, os comentários de Philippe Lacadée giraram em torno do valor da escuta da analista, que pode fazer falar o sujeito para além do discurso da mãe, e mostrar seu lugar de objeto no uso sintomático que faz do objeto 'pássaros'. Trata-se da maneira como o adolescente, que não fora reconhecido pelo pai, tentou construir seu lugar no mundo, com esses fragmentos familiares. Finalmente Philippe Lacadée destaca o interesse clinico do "Caso G", um pequeno sujeito de cinco anos, atendido por Eliana Bentes Castro que, no transcurso do tratamento, consegue ir ao encontro do pai. Várias intervenções destacaram a riqueza desses tratamentos 'gratuitos e de curta duração' que realizamos no Centro CLAC. Finalmente, cabe assinalar que Philippe Lacadée, com sua fala precisa e cuidadosa nos mostrou como a clinica da orientação lacaniana torna possível a passagem 'do discurso da família ao discurso do sujeito', quando se pode percorrer o caminho da constituição do sujeito da linguagem, até sua constituição como *falasser.*

*Mirta Zbrun*

## "QUERÔ"

QUERÔ é baseado na obra de Plínio Marcos – "Querô – Uma Reportagem Maldita". Escrita na década de 70 e transportado para as telas, o filme narra a história do garoto Jerônimo, abandonado ao nascer na pobre zona portuária de Santos e sua trajetória pelas ruas da cidade.

De forma sensível e contundente, QUERÔ retrata a solidão e o abandono em que vive este adolescente lançado à própria sorte. Apesar de amar o filho, sua mãe Piedade se desespera ao ser posta para fora do bordel onde trabalhava, no dia em que dá à luz a criança Jerônimo. Sem saída, ela encontra um destino trágico e deixa seu filho nos braços do abandono.

Na visão do diretor, Carlos Cortez, a temática é a do abandono, experiência universal do ser humano.

O filme revela a realidade dos cortiços, do porto, da Febem e retrata a maneira como muitos jovens brasileiros experimentam a dor e

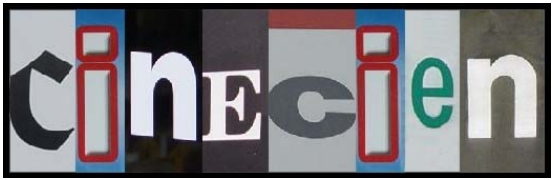
tentam reagir de diversas maneiras, algumas violentas.

Para viver o personagem Querô (o jovem Querosene), o protagonista do filme, Maxwell Nascimento inspirou-se na sua própria realidade. Ele é prova real da vitalidade dos adolescentes que desde muito cedo convivem com a ausência da lei e com o crime. Sua atuação no filme é impressionante, já que é um garoto da comunidade e não ator. Foram escolhidos 1.200 jovens, e 40 destes, selecionados para oficinas de 6 semanas de duração até que o ator principal se despontasse.

"Querô" e outros filmes produzidos ou co-produzidos pela Gullane Filmes, como "Bicho de Sete Cabeças" e "Carandiru", são instrumentos privilegiados de discussão da realidade tão próxima e a que assistimos, muitas vezes, de forma passiva.

As OFICINAS QUERÔ criadas a partir do processo seletivo, tornaram-se projetos apoiados pela Fundação Abrinq e Unicef, como meios de inclusão social de adolescentes, através de cursos de cinema em Santos, terra de Plínio Marcos. Talvez seja uma resposta humana e responsável a esta dura condição dos jovens brasileiros condenados ao abandono.

*Mônica Schetino*




## "A Criança"

Na noite de sete de Novembro, através do Cine-Cien e do laboratório a-Palavrar tivemos a oportunidade de assistir ao filme: "A Criança", dos Irmãos Dardenne.

"Agradável surpresa", "um cinema real"!

Anteriormente vários textos estabeleceram entre si, no espaço virtual, uma prévia da conversação, programada como modo de trabalho efetuado pelo Laboratório a-Palavrar. Assim, diferentes aspectos da realidade retratada pelos cineastas circularam antes da referida noite.

Célio Garcia destacou o núcleo da narrativa da seguinte forma: "é o retrato de uma família em volta de uma criança e das relações entre um casal (eles eram dois – Bruno e Sonia –, de repente eles são três, se contamos o filhote). De repente, ela se volta para seu objeto "a" Jimmy. O pai Bruno em volta dela (e não em volta do objeto dela) e das voltas que a vida dá", enquanto Maria Rita Guimarães utilizou a pergunta que dá título a seu texto **"Há pai para geração eBay?** como "legenda" do filme, esclarecendo a referência eBay como metáfora da modalidade do mercado atual, em que os objetos são leiloados no comércio *ponto. com.*

José de Anchieta Corrêa contribuiu com o debate refletindo a modernidade e os efeitos de "uma sociedade definida pelo consumo mercantilista, que rejeita qualquer emergência de uma autonomia que dê '*preço*' ou '*apreço*' às coisas." Pergunta se esta sociedade propicia seus jovens-crianças a se tornarem pais .

Gláucia de Fátima Batista a partir das referências de sua experiência profissional recorta a cena do filme em que os agentes do governo visitam a jovem para acompanhamento da nova criança que nasce. Isto nos remete à "realidade dos jovens do real" em nossa cidade, nas visitas domiciliares realizadas pelas equipes de saúde da família.

Os adolescentes normalmente não procuram os serviços de saúde, exceto quando seus problemas de saúde se agravam. A gravidez entra neste mesmo enquadre e, além do mais,

ocorre ser, inicialmente – mesmo se desejada –, negada, escondida dos familiares e até mesmo da equipe de saúde. Neste contexto, encontramos como resultado um considerável aumento das estatísticas que nos mostram que é nesta fase da vida que se concentram as altas taxas de mortalidade por causas externas nas jovens mulheres por complicações da gravidez, tentativa de aborto e outros."

Exatamente no contexto da Saúde pública, Licínia Paccini levanta questões sobre a responsabilização do sujeito por seus atos, incluindo aí, a pergunta sobre seu sintoma. Marlene Machado indica, tomando uma situação retratada no filme, que o nome próprio presentifica o ato de nomeação que atravessa tanto quem nomeia quanto quem é nomeado, igualando e diferenciando os membros de uma mesma linhagem. Que sucede com esta questão, no filme?

Inês Seabra atualiza um termo por nós já esquecido: Catirar. Antigamente, era costume *catirar* diziam: "é preciso catirar para viver". Catirar significa trocar objetos: trocar um vestido por um sapato, objetos por alimentos. Naquele tempo, a palavra valia algo, as leis do mercado não eram tão ferozes e competitivas. Existiam menos objetos disponíveis, os utensílios domésticos, ainda em fase de criação industrial, enchiam os olhos de cobiça, os brinquedos em número reduzido estendiam a infância nas brincadeiras de quintal.

Maria Aparecida Farage recorda a formulação de Philippe Lacadée em que a substituição do regime do pai, em nossos dias não favorece a dimensão da filiação e da transmissão.

Não há apreensão mais completa da realidade humana que a feita pela experiência humana da palavra.

A conversação que se estabeleceu entre os presentes após a exibição do filme demonstrou bem como – valendo-se do que havia sido produzido nos textos –, cada um pode trazer sua experiência de trabalho e em que impasses e avanços ela está sendo produzida.

O laboratório a-Palavrar aproximou-se de seu objetivo criando a possibilidade do exercício da conversação – e o que dela se extrai como transmissão –, e do enlace no social.

Para Platão o político é o tecelão que une como um tecido os vários segmentos da sociedade. A política é a ciência dos laços e a arte política permitir fazê-los!

*Gláucia Simões*

## CIEN-Digital n. 1: comentário

Tenho acompanhado com interesse as discussões concernentes aos laboratórios do CIEN, movida, especialmente, pelas questões suscitadas pela minha prática como psicanalista em uma instituição médica que presta assistência às crianças e adolescentes infectados pelo vírus HIV.

Assim, a leitura dos artigos publicados no primeiro número do boletim eletrônico *CIEN-Digital* foi valiosa na medida em que seus textos esclareceram, ao mesmo tempo em que consolidaram, a perspectiva adotada em um trabalho com um grupo de pais e cuidadores destas crianças e jovens, do qual tenho participado juntamente com pediatras e psicólogos. Os encontros entre nós tiveram início a partir das dificuldades destas famílias no manejo das questões trazidas pela presença da AIDS. A perspectiva de um trabalho coletivo, na interdisciplinaridade, está orientada pelo que Judith Miller lembrou em seu texto de apresentação do *CIEN Digital,* citando Virgilio Baio, sobre o "saber-não saber". A coordenação deste grupo, portanto, exercita-se no cumprimento do "saber não saber", isto é, renunciando a uma referência a um saber tomado como ideal a ser transmitido. Parafraseando Célio Garcia em seu belo texto sobre os jovens grafiteiros-pichadores, ao contrário de nos apoiarmos em uma fixação de identidades e ideais, tendência por vezes evidente, outras vezes, insidiosa, nos grupos, buscamos resgatar a *mínima diferença* que emerge a partir dos enunciados trazidos pelos seus participantes.

*Patrícia Ribeiro.*

CIEN-Digital agradece a todos que contribuíram na elaboração deste número.

Envie-nos seu texto até 2.000 caracteres para **mariarita.guimaraes@gmail.com**.

**Editor**: Maria Rita Guimarães **Conselho editorial**: Cristiane Barreto Nápolis, Cristiana Pittella de Mattos, Ludmilla Féres Faria